

Poesia na prosa: a dobra ecolinguística no jornalismo literário contemporâneo

Poetry in prose: the ecolinguistic doubling in contemporary literary journalism

Vera Lúcia Santos Alves*

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Moab Duarte Acioli**

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar o entrelaçamento da prosa com a estilística e a semântica poéticas no processo de composição e interlocução jornalísticas, buscando avaliar o dito e o silenciado, considerando a existência de ‘dobras ecolinguísticas’ na enunciação. Utilizamos a teoria-metodológica da Análise do Discurso Ecológica, sob o aspecto ecolinguístico da endo e da exoecologia. O corpus da pesquisa é composto por três capas de jornais – uma do *Correio Brasileiro*, uma do *Estado de Minas* e uma da *Folha de São Francisco* – veiculadas entre os anos de 2007 e 2015. Os resultados indicam que a ‘dobra’ na enunciação jornalística literária contemporânea mostra-se na poetização da linguagem ao produzir o texto noticioso, observando a formação endolinguística e, sobretudo, a relação dialógica dos enunciados exoecológicos – fator que, durante muito tempo, era impensável na construção estética e na produção semântica da informação no Brasil.

Palavras-chave: Análise do discurso ecológica. Literatura. Linguística. Gêneros textuais.

Abstract: The aim of this research is to analyze the interweaving of prose with poetic stylistic and semantics, in the process of journalistic composition and dialogue, seeking to evaluate the said and the muted, considering the existence of the ‘ecolinguistic doubling’ in the enunciation. We used the methodological theory of Ecological Discourse Analysis, under the ecolinguistic aspect of endo and exoecology, under the Bakhtinian analysis of discursive genres. The corpus of the research is composed by three newspaper covers, one from each - *Correio Brasileiro*, *Estado de Minas* and *Folha de S. Francisco* - all published between 2007 and 2015. The results indicate that the ‘doubling’ in contemporary literary journalistic enunciation is shown in the poetization of language when producing news, considering the endolinguistic formation and, above all, the dialogical relation between the exoecological statements - a factor that for a long time was unthinkable in the aesthetic and semantics construction of information in Brazil.

Keywords: Analysis of ecological discourse. Literature. Linguistics. Textual genres.

* Doutoranda em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil; vlmedeiros1@hotmail.com

** Professor Doutor do Mestrado e do Doutorado em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil; moabacioli@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A íntima relação entre literatura e jornalismo instiga muitos autores à busca do patrimônio linguístico que os vários fatores da textualidade põem à disposição para a riqueza da escrita noticiosa e opinativa na imprensa brasileira.

O grande precursor brasileiro dessa junção jornalismo-literatura é Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões*, narrativa da cobertura da rebelião popular em Canudos, interior da Bahia, no final do século XIX. Canudos resistiu a quatro expedições em um dos mais dramáticos e cruéis episódios da história brasileira, conforme analisa o historiador Airton Farias (1997). *Os Sertões* foi o primeiro livro-reportagem registrado no Brasil. Tanto o valor jornalístico quanto o literário da obra de Cunha trouxeram ao país uma revolução na escrita que só ganharia força nos Estados Unidos, por exemplo, na década de sessenta do século XX.

Na descrição que faz da terra sertaneja ao chegar da chuva, nos relatos escritos ao jornal *Estado de S. Paulo*, do qual era correspondente, Euclides da Cunha utiliza toda a riqueza que a linguagem literária é capaz de entregar ao jornalismo:

Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior. Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cômodos escavados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grotões escancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em colinas os acervos de blocos disjuntos - de sorte que as chapadas grandes, entremeadas de convas, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. Cai a temperatura. Com o desaparecer das soalheiras anula-se a secura anormal dos ares. Novos tons na paisagem: a transparência do espaço salienta as linhas mais ligeiras, em todas as variantes da forma e da cor. Dilatam-se os horizontes. O firmamento, sem o azul carregado dos desertos, alteia-se, mais profundo, ante o expandir revivescente da terra. (Cunha, 2001, p. 135).

Dilatando a linguagem, distanciando-se da normatividade verbal e rigorosamente denotativa imposta pelo jornalismo tradicional, o correspondente do *Estado de S. Paulo* logo chamou a atenção dos leitores e da crítica pelo modo peculiar de fazer sua narrativa. A tragédia da guerra de Canudos ganhou relatos intensos de detalhes extremamente bem expostos, sob uma tessitura linguística que não romantizava os horrores ali ocorridos, mas que chamavam a atenção, também, pelo modo como eram revelados no texto.

Estaria no núcleo sêmico da linguagem jornalística intensamente utilizada por Euclides da Cunha a dobra em que se suspende a repressão sobre a palavra que veicula a notícia no jornalismo? Buscamos resposta para isso nesta pesquisa. Buscamos resposta, também, para a ideia de que a linguagem do jornalismo pode ser a letra que se rasura e se desdobra, considerando a tese de que a junção da literatura com a linguística, veiculada em qualquer meio de comunicação, conforme argumentam Amodeo e Wannamacher (2010), seja um delineador da estrutura da textualidade jornalística moderna.

Ao entender a Literatura como uma manifestação linguística em que a reflexão sobre as implicações dos meios de expressão desperta a atenção para entender como o sentido se faz e o prazer se produz, destaca-se o grande poder de comunicação que o texto literário possui, acrescentando

ainda a própria experiência cultural que a obra pode encerrar, independente do meio em que ela possa se manifestar. (Amodeo; Wannmacher, 2010, p. 20).

Tal relação entre a linguagem poético-literária e os processos sociais também foi estudada pelo russo Volochinov no início do século XX. Para o autor, é na comunicação que o ser humano se fundamenta, se constrói. De acordo com Volochinov (1926), a réplica faz parte dessa reação natural do homem, levando-o ao diálogo com a vida, com a sociedade. E na linguagem poética, essa réplica se faz ouvir na conversação da palavra com a realidade social que a contextualiza, intensificando-se o aspecto estético do dizer – o que afasta a análise da dicotomia defendida pelos formalistas, em que se divide a semântica da estética.

Na valoração da palavra poética, segundo Volochinov (1926-2010), no cenário do intercâmbio, os valores são construídos nesse processo de interação intersubjetiva entre sujeitos, posições reconstruídas no estudo com igual cuidado de contextualização (ao lado de quem e contra quem se afirmam essas ideias).

A forma de uma narração objetiva, a forma apelativa (oração, hino, algumas formas líricas), a forma de autoexpressão (confissão, autobiografia, forma de declaração lírica, que é a forma lírica principal) se determinam justamente pelo grau de intimidade entre o autor e o herói. Ambos momentos ressaltados – o valor hierárquico do herói e o grau de sua intimidade com o autor – tomados autônoma e isoladamente, são insuficientes para definir a forma artística. (Volochinov, 1926-2010).

Fato é que o vigor social da língua também poética aponta a uma arte sendo atingida pelo contexto social e, ao mesmo tempo, sendo ativa na relação com este.

FLP 23(1)

Em seus estudos sobre literatura, Michel Foucault afirma que a linguagem, até o final do século XVIII, era muda e primitiva, impossibilitada de ser vivenciada nessa relação de desdobramento a que nos referimos neste trabalho. O autor passa a mostrar como o surgimento da literatura moderna se deu, utilizando uma tríade de elementos constitutivos e inerentes ao escrever. Esses três elementos são: a linguagem, a obra e a 'literatura'. A linguagem é o murmúrio das palavras pronunciadas, a obra, sua espacialização, já a 'literatura' é o terceiro elemento "por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem" (Foucault, 2000, p. 140).

Diante de todo esse cenário de abordagens, buscamos, aqui, analisar o entrelaçamento da prosa com a estilística e a semântica poéticas, no processo de composição e interlocução jornalísticas, buscando avaliar o dito e o tecer do silêncio, considerando neste a representação da 'dobra' do jornalismo literário. Trazendo para este universo de abordagem o caráter deleuziano do que se constitui a 'dobra', apostamos na observação do que seria uma espécie de subversão da escrita jornalística, para analisar, à luz da teoria-metodológica da Análise do Discurso Ecológica, as construções da informação. Utilizamos os aspectos da endo e da exoecologia da linguagem, categorias da ADE, e observamos uma interessante relação destas com o que Silva (2004, p. 1) diz a respeito de a dobra "expressar tanto um território subjetivo quanto o processo de produção deste território, ou seja, ela exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora".

2 GÊNEROS DO DISCURSO E ENUNCIÇÃO

Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são entendidos como uma forma característica de enunciação em que a palavra acaba por assumir uma expressão única, específica. Estão ligados a situações características de comunicação verbal, nas quais há uma profunda relação entre o significado das palavras e a realidade, no que o autor chama de “diálogo inconcluso”:

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (Bakhtin, 2003, p. 348).

Maingueneau (2004, p. 61) afirma que todo indivíduo é capaz de “identificar um dado enunciado como sendo um folheto publicitário ou como uma fatura, graças ao nosso conhecimento dos gêneros do discurso”. O autor entende por gêneros de discurso “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. Esses enunciados (escritos ou orais), “relativamente estáveis”, estabelecidos pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera, são chamados de gêneros do discurso (Bakhtin, 1997, p. 12).

Bakhtin (1997, p. 11) defende que os enunciados (orais e escritos) concretos e únicos proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas também pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e, acima de tudo, por sua construção composicional.

Segundo Foucault (2007, p. 100-102), há três características importantes que marcam a formação do enunciado. A primeira é a existência do espaço correlato ou um referencial: “um conjunto de domínios” em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas. A segunda diz respeito ao sujeito enunciativo ou “autor” - função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado. A terceira é a existência do campo associado ou domínio associado que, segundo Foucault, é o que oportuniza ao enunciado ser diferente de um conjunto de signos, de uma frase e de uma proposição. Assim, o campo associado é o que possibilita que um enunciado costure uma teia de relações com outros enunciados.

2.1 Gêneros jornalísticos

A teoria estruturalista de Roman Jakobson sobre as funções da linguagem foi, sem dúvida, o grande norteador inicial do estudo de gêneros jornalísticos, no âmbito da comunicação social. No entanto, a teoria sobre os gêneros do discurso, de Mikhail Bakhtin, tem sido influente nos estudos sobre a enunciação como marca de gênero do discurso.

FLP 23(1)

Nesse contexto, analisamos que, ainda que o jornal não se limite à veiculação de notícias no sentido estrito da palavra, essa forma comunicativa ainda tem lastreado, nos últimos dois séculos, a ideia que dá margem à construção e manutenção de toda a mitologia da neutralidade que se atribui ao jornalismo e que, portanto, sustenta os coeficientes de confiabilidade pública nos relatos (Sodré, 2009, p. 14).

Marques (1987, 2003) e Beltrão (1980), no entanto, situaram a classificação dos gêneros jornalísticos no Brasil, que se reflete na ideia de hibridização pensada por Ringoot e Utar (2005). É relevante observar que, somente a partir de 2003, Marques passaria a considerar o gênero interpretativo nessa classificação, o que vemos numa relação íntima com a ideia de dispersão de Jean-Michel Utar. Chegamos à seguinte lista de classificação:

Quadro 1 - Principais classificações brasileiras de gêneros jornalísticos.

<i>Classificação</i>	<i>Beltrão, Luiz (1980)</i>	<i>Marques de Melo, José (1985/2003)</i>
Informativo	História de interesse humano Notícia Reportagem Informação pela imagem	Nota Notícia Reportagem Entrevista
Opinativo	Editorial Artigo Fotografia e Ilustração Crônica Charge / caricatura Carta do Leitor	Editorial Artigo Resenha Crônica Caricatura Carta Comentário Coluna
Interpretativo	Reportagem em profundidade	Reportagem e Documentário

Fonte: Alves (2015, p. 2593).

3 ECOLINGUÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA – A LÍNGUA COMO REDE DE INTERAÇÕES ORGÂNICAS

O primeiro autor a relacionar a língua com o meio ambiente foi Edward Sapir, na primeira década do século XX, embora ainda não sob a perspectiva da ecolinguística moderna, nascida inicialmente, pelo chamado pai da então nova disciplina, Einar Haugen, em seu texto *A ecologia da linguagem*, no início dos anos de 1970, como expõe Ramos (2004):

No seu famoso «The Ecology of Language», apresentado numa conferência em 1970 e publicado em 1972, o autor defende que «language ecology may be defined as the study of interactions between any given language and its environment» (2001 (1972): 57). O “ambiente” não deve confundir-se, nesta definição, com o mundo material para o qual determinada língua constitui um repertório de nomes e regras de combinação. Para Haugen, o verdadeiro ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um dos seus códigos de comunicação. O

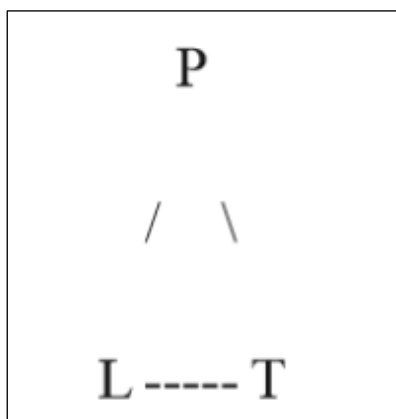
autor configura, assim, um ambiente, ou um contexto, social e natural, em parte psicológico (no que concerne à interação da língua materna de cada falante bilingue ou multilingue com os outros códigos linguísticos presentes na sua mente) e em parte sociológico - no que concerne à interação da língua com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação. (Ramos, 2004, p. 545).

É relevante salientar que, se o olhar sobre a ecolinguística se desse com base no estudo das relações entre língua e meio ambiente (e não ‘seu’ meio ambiente, conforme Haugen), haveria o mal-entendido de que o campo de análise da nova disciplina seria o ambientalismo. Na verdade, Haugen tratou o meio ambiente da língua não no aspecto físico, mas social, cultural e interacional, colocando o próprio falante como esse ambiente:

O verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos. A língua existe na mente de seus falantes e só funciona relacionando esses falantes entre si e estes à natureza, o que chamamos de meio ambiente social e de natural. Assim, a ecologia da língua é determinada, essencialmente, por aqueles que a aprendem, que a usam e que a transmitem a outros. (Haugen, 1972, p. 325, tradução nossa).

E é exatamente sob essa ênfase que, em 2007, a Ecolinguística surge como uma nova ciência da linguagem no Brasil, na chamada ‘Escola Ecolinguística de Brasília’, partindo do conceito central de ecossistema da língua, também denominada de ‘linguística ecossistêmica’, desenvolvida no ambiente natural, no mental e no social da língua. Os estudos foram iniciados pelo chamado pai da ecolinguística no Brasil, Hildo Honório do Couto.

Segundo Couto (2007, p. 90), há um ecossistema da língua formado pela coletividade de indivíduos que exercem seu papel social. Essa coletividade vive a interação social num locus, que é o “território”. A tríade configura a base estrutural da ecolinguagem – povo, território e língua – conforme expresso na Figura 1. Parte dessa análise a concepção representativa dos fenômenos da língua como uma rede orgânica de interações, não como uma estrutura estanque. Assim, constrói-se o ambiente da dinâmica ecologia da interação comunicativa, em que os discursos se produzem através de informações compartilhadas.



Fonte: Couto (2007, p. 91).

Figura 1 - Ecossistema Fundamental da Língua.

A linguagem é o cerne do processo interativo nesse contexto de ecossistema. Considerando o caráter holístico, dá-se o ecossistema integral da língua, que abrange os outros três. Enfim, a língua não é apenas social, mental ou natural. Ela é as três coisas ao mesmo tempo, ou seja, é biopsicossocial (cf. Couto, 2007). Ademais, os três ecossistemas da língua (mental, natural e social) podem atuar tanto na abordagem escrita, quanto na falada, considerando esses três elementos da EFL.

Em 2015, em parceria com Elza Kyoko N. N. Couto e Lorena A. O. Borges, Hildo Honório do Couto publicou *Análise do Discurso Ecológica* (ADE), abordando o holismo que norteia a linguística ecossistêmica, propondo uma nova forma de análise dos discursos. Assim, por se desenvolver no contexto de visão ecológica de mundo, desenvolveu-se a teoria-metodológica chamada *Análise do Discurso Ecológica*, abrangente e apta a servir de base analítica, investigativa de textos de qualquer natureza, conforme afirmam os autores:

Sua abrangência, seu holismo devem ser entendidos no sentido de ser multimetodológica e multiteórica (por falta de termo melhor). Ela é multiteórica, porque pode lançar mão de qualquer modelo teórico para analisar determinado fato linguístico microscopicamente. (Couto et al., 2015, p. 140).

Assim, a *Análise do Discurso Ecológica*, passa a ser utilizada para estudar os discursos como um conjunto de produções verbais cuja construção é inseparável de suas condições de produção, isto é, do processo interativo entre enunciados, ambientes sociais, culturais, políticos, cognitivos, numa perspectiva ecossistêmica.

Usando categorias de Deleuze e Guattari (2011), podemos dizer que um povo só estará efetivamente autorrealizado se estiver em plena vivência com sua terra, se estiver territorializado (Couto, 2015, p. 125). E a razão de empregarmos a *Análise do Discurso Ecológica* (ADE) como teoria-metodológica neste trabalho diz respeito ao fato de querermos focalizar a importância da vida, da ética nas relações sociais, buscando o eixo do equilíbrio e da solução de conflitos no processo de interação promovido pela linguagem.

A ADE, devido a sua origem e filiação ecológica, parte de uma defesa incansável da vida, em todos os sentidos, e de uma luta contra tudo que possa trazer sofrimento a um ser vivo, de qualquer espécie, não apenas dos humanos, pois ela rechaça o antropocentrismo. (Couto, 2015, p. 123).

As categorias principais da *Análise do Discurso Ecológica* (ADE), também chamada de *Linguística Ecossistêmica*, são a ecologia da interação comunicativa (EIC), os atos de interação comunicativa (AIC), as regras interacionais e regras sistêmicas, os três ecossistemas da língua (mental, natural e social), os três elementos da EFL (P-L-T), a endoecologia e a exoecologia. (Couto, 2015, p. 501). A ecologia da interação comunicativa é o núcleo da ADE. Nela, analisam-se o todo, como constituído de uma imensa rede de interações, incluindo, também, as políticas e as ideológicas.

Considerando tais formas de interação, focalizamos, nesta pesquisa, a utilização das categorias endoecológica - típica do universo da ecologia interna - e exoecológica, ecologia externa, ligada ao aspecto dialógico da linguagem, ao modo como as formas linguísticas 'conversam' com outras vozes externas ao texto. Nesse aspecto, atuaremos sob a Rede de Interações Orgânicas (RIO), pontuando o caráter dialógico da enunciação jornalística moderna. Observamos, através da RIO, como os elementos

FLP 23(1)

linguístico-literários conversam com a realidade social e política em que o ato jornalístico está inserido.

[...] a língua em si não é um organismo, embora apresente organização interna e externa. Ela tem uma ecologia interna (endoecologia), mas faz parte da ecologia externa (exoecologia). A primeira troca matéria, energia e informação com a segunda. Aí está a diferença fundamental entre a linguística tradicional e a linguística ecossistêmica. Esta prefere lidar com o termo organização, constituída de uma rede de interações orgânicas (RIO). (Couto; Couto, 2016, p. 37).

É importante dizer, nesse contexto, que a linguística ecossistêmica não é composta apenas de formas “ativadas” (que estão em uso), mas também das “inativadas” (que ainda não são usadas, mas poderiam ser), das “desativadas” (arcaísmos) e das “reativadas” (palavras que caíram em desuso por algum tempo e voltaram a ser usadas posteriormente) (Couto, 2015, p. 45). Fato é que a linguística ecossistêmica está inteiramente ocupada em fazer com que a interação aconteça através de uma linguagem sem amarras normativas – sejam gramaticais, sejam semânticas.

Na linguística ecossistêmica, em princípio todas as regras podem ser violadas, sobretudo as regras sistêmicas. Isso porque o objetivo dos interlocutores em diálogo não é produzir frases gramaticais, mas fazerem-se entender. Se o entendimento se dá, não consideram nada anormal. (Couto; Couto, 2016, p. 36).

4 CAPAS DE JORNAIS COMO CORPUS

FLP 23(1)

A capa do jornal funciona como uma espécie de anúncio, publicidade das matérias principais que serão veiculadas nas páginas seguintes. Por se tratar de um mecanismo utilizado para ‘convidar’ o leitor à busca das matérias internas, a capa é um espaço de produção que tem passado por importantes modificações ao longo do tempo. A liberdade linguística tem ganhado espaço nessa área de produção, que vem sendo aperfeiçoada e requintada nos novos moldes do dizer jornalístico diário.

A seleção do corpus desta pesquisa se fez sob análise de capas jornalísticas que tiveram grande repercussão no país entre os anos de 2007 e 2015 – considerando sua forma plural de linguagem e relevância da temática abordada. O achado se deu na mídia digital, onde se propagaram notícias a respeito dessa repercussão, de premiações e indicações a prêmios jornalísticos das capas escolhidas para esta análise.

4.1 *Correio Braziliense*

O *Correio Braziliense* é um jornal com sede em Brasília, no Distrito Federal, e tem a mesma idade da cidade projetada por Oscar Niemeyer. Fundado em 21 de abril de 1960, o jornal é resultado da promessa de Assis Chateaubriand, importante jornalista e empresário da época, o qual garantiu ao então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira que, caso a nova capital da República ficasse mesmo pronta, ela ganharia um jornal impresso de grande porte.

O *Correio*, pertencente aos *Diários Associados*, sob a presidência de Chateaubriand, consolidou sua posição como o principal jornal de Brasília e tornou-se

o diário de maior circulação do Centro-Oeste, passando a figurar entre os 20 jornais diários de maior circulação do Brasil (Carneiro, 1999, apud Rocha, 2016, p. 67-68).

A escolha desse jornal para compor esta pesquisa se deu pelo fato de o veículo optar, desde de sua fundação até os dias atuais, por manter não apenas o noticiário local, mas, sobretudo, a relação com os brasileiros leitores que vivem distantes do centro do poder político do país e desejam estar bem informados por meio de fontes técnicas e políticas às quais o jornal tem acesso. Segundo Carneiro (1999, p. 424, apud Rocha, 2016, p. 75), a proximidade com o cotidiano da política na capital e com fontes (técnicas e políticas) do governo federal tornou o noticiário político diferenciado do de outros jornais brasileiros com perfil local.

Essa é a razão pela qual a força da temática política que mais pauta o país está presente também nas capas do *Correio*. Já premiado em diversas ocasiões, a exemplo do que se viu com a capa feita em homenagem a Oscar Niemeyer, por ocasião da sua morte em 2004, O *Correio* viu também sua capa de 23 de março de 2012 ganhar repercussão nacional ao transformar em manchetes bordões do humorista Chico Anysio, como “afe, tô morta” e “e o salário, ó!” por ocasião da morte do artista (*Correio Braziliense*, 2017). A produção gráfica da capa se utilizou de várias formas de linguagem dialogal e venceu o Prêmio Esso de jornalismo na categoria especial de primeira página. A capa do *Correio* escolhida para compor o corpus deste trabalho foi publicado no dia 29 de agosto de 2007 (Figura 2) e ganhou o prêmio de melhor capa do ano no Esso, o principal prêmio de jornalismo do País. A capa escolhida, especificamente, traz um dos mais relevantes fatos que envolvem corrupção e política no Brasil atual, abordado de maneira instigante à análise discursiva desta pesquisa.

4.2 *Folha do São Francisco*

O jornal *Folha do São Francisco* foi fundado, no ano de 2009, por um grupo de estudantes de jornalismo recém-formados na cidade de Juazeiro, interior da Bahia.

A circulação do impresso se dava, desde sua fundação, em periodicidade semanal. As áreas editoriais eram divididas por duplas de jornalistas que compunham pautas e realizavam o trabalho de pesquisa diário para compor as matérias nos cadernos de *Educação*, *Saúde*, *Política*, *Cidades* e *Esporte*. Isso se fazia com detalhamento, visto que a proposta do jornal era de aprofundar notícias veiculadas apenas em forma de lead, em outros meios e também publicar matérias investigativas de maneira mais detalhada.

Ademais, o jornal trazia um caderno direcionado ao jornalismo opinativo, que excedia a produção do editorial, este sempre de responsabilidade do jornalista responsável pela redação. Artigos de opinião, crônicas, charges e resenhas críticas eram sempre publicados nesse espaço por outros jornalistas e especialistas colaboradores. E era exatamente do editor responsável junto com a equipe gráfica, que nasciam as capas produzidas no jornal *Folha do São Francisco*. O fato de as capas estarem sob a responsabilidade da editoria de opinião chamou-nos atenção à escolha do jornal na composição do corpus desta pesquisa. Em 2014, o *Folha do São Francisco* concorreu ao prêmio Libero Badaró de jornalismo com a matéria que rendeu a capa utilizada nesta pesquisa (Figura 3). A produção trazia depoimentos de mulheres casadas que sofreram e venceram extrema violência – física, psicológica, moral – em relacionamentos abusivos.

FLP 23(1)

Pela importância da temática exposta na capa, pela repercussão que ela teve nos meios de comunicação e pelo modo como esta foi produzida em sua relação com o que aqui chamamos ‘dobra ecolinguística do jornalismo contemporâneo’, escolhemos essa capa do jornal *Folha do São Francisco* para a composição deste corpus.

4.3 *Estado de Minas*

Fundado em 1928 por acadêmicos que compraram o acervo do jornal *Diário da Manhã*, o *Estado de Minas* logo se tornou o maior veículo impresso a circular no estado. Em 1929, passou a compor os *Diários Associados*, comandado por Assis Chateaubriand.

Com proposta interativa inovadora para a época, o *Estado de Minas* abriu um campo de diálogo com os leitores, que podiam sugerir pautas e opinar sobre as abordagens temáticas feitas nas matérias. Em meados da década de noventa do século XX, os leitores passaram a ter acesso ao jornal via internet. O trabalho de design, responsabilidade das equipes da primeira página e da arte do jornal, também chamava atenção desde sua fundação.

Aderindo à junção de arte digital com uso de linguagem pouco comum a chamadas de matéria, as capas do *Estado de Minas* passaram a ganhar prêmios pela força de suas mensagens de linguagem híbrida. Uma das mais importantes premiações ocorreu em 2016, na 37ª edição do concurso da *Society for News Design* (SND), considerado o *Oscar* do design de jornais no mundo. A capa do jornal *Estado de Minas* escolhida para este trabalho traz todas essas características inovadoras de linguagem, o que se configurou apropriada ao estudo que aqui nos propusemos a realizar.

FLP 23(1)

5 ANÁLISE DO CORPUS DISCURSIVO

A capa do *Correio Braziliense* escolhida para esta análise (Figura 2) inspira-se no poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, para trazer a manchete da decisão do Supremo Tribunal Federal de acatar a denúncia da Procuradoria Geral da União contra políticos no caso do ‘Mensalão’, ocorrido entre 2005 e 2006, considerado o maior esquema de compra de votos no Congresso Nacional brasileiro.



Fonte: www.correiobraziliense.com.br.

Figura 2 - Capa do *Correio Braziliense* de 29 de agosto de 2007.

Vários aspectos da linguagem utilizada pelo *Correio* na produção da capa devem ser considerados para a ampliação da análise – desde a escolha das cores, alusivas ao Partido dos Trabalhadores (PT), a formatação estrutural do texto-manchete em forma de verso, até a exposição de texto opinativo sob o título *Visão do Correio* – nome dado à coluna do editorial, que costuma aparecer entre as páginas 10 e 11 do jornal, mas que nessa edição, apareceu na capa.

Esse contexto geral formata o espaço disposto à organização endoecológica da língua, compondo a semântica e o ritmo literários no que, tradicionalmente, seria feito em estrutura de prosa e em linguagem denotativa, informando que o ‘STF acata denúncia de PGR, e acusados do Mensalão vão responder a processo criminal’.

Do ponto de vista endoecológico da linguagem, iniciaremos falando sobre a sequência verbal ‘mandava’, ‘tramava’ e ‘pagava’, intermediada pelo pronome relativo ‘que’. A rítmica promove, associada à semântica gramatical dos verbos no pretérito imperfeito, a ideia de círculo vicioso, de ação constante apenas interrompida, quando uma nova sequência verbal surge: ‘foi denunciado’ e ‘incriminou’. A relação tanto do ritmo quanto da ação verbal propõe a ligação com o título homônimo ao poema de Drummond. A poesia entrelaça-se à informação jornalística propondo, com o ritmo e a semântica das palavras, a ‘brincadeira’ recíproca que os personagens faziam com o dinheiro público, o que reconfigura o significado da palavra ‘quadrilha’.

A sequência dos nomes próprios escolhida para compor o poema-manchete acentua o papel de cada personagem: José Dirceu, o Ministro-chefe da Casa Civil do governo Lula, comandava a ‘quadrilha’, Delúbio Soares, tesoureiro do PT, e Marcos Valério, administrador da *DNA Propaganda* e do chamado ‘Valerioduto’, surgem sob a forma verbal ‘tramava’, que os coloca na reflexibilidade da ação, no mesmo papel hierárquico. Observamos que no fechamento do primeiro círculo de ações verbais trazidas no poema-manchete, o verbo ‘pagava’ acentua o papel dos personagens ativos

FLP 23(1)

e passivos na quadrilha – sendo este último caso a referência feita ao deputado federal Valdemar da Costa Neto.

No ritmo poético da ‘quadrilha’, chega-se a um segundo círculo da ‘dança’, quando a sequência verbal de pretéritos perfeitos promovem encerramento da ação anterior com a locução ‘foi denunciado’ e a forma verbal ‘incrimou’. Vê-se, na disposição endoecológica, que os dois verbos se lançam ao mesmo agente – tanto no modo passivo, quanto no ativo: Roberto Jefferson, o denunciante do esquema. Nas conexões feitas pelo pronome relativo, na passada do primeiro ao segundo círculo, Valdemar da Costa Neto continua a figurar como um passivo no esquema. No entanto, nem o papel passivo de Valdemar, nem o ato de denúncia de Roberto Jefferson os eximem do crime de fazerem parte de uma ‘quadrilha’.

O fato de o poema-manchete referenciar Genoíno como aquele que ‘não entregou ninguém’ faz conexão semântica interna com a expressão do terceiro círculo da ‘quadrilha’, quando se afirma que ‘Genoíno perdeu a pose’. O perfil heroico do personagem teria fim com o destino apontado ao longo da matéria.

Assim, podemos afirmar que toda essa organização endoecológica da língua na forma de redes de interações orgânicas compõe uma ‘dobra’ no texto jornalístico-poético que poderia, sim, ter se iniciado com o STF como sujeito central que pôs os 40 acusados do ‘Mensalão’ no banco dos réus. Jornalisticamente, o lead do factual seria esse. Em seguida, o nome dos principais personagens do grupo seria, então, exposto. No entanto, a ênfase dada à composição da ‘quadrilha’ e o circular das ações conferem novo ritmo à produção do texto jornalístico. Essa formação rizomática da matéria atende também à condição exoecológica da linguagem, quando propõe que o leitor relacione os termos ‘planície’ com José Dirceu, ‘fazenda’ com Delúbio Soares, ‘penteado’ com Marcos Valério, ‘mandato’ com Roberto Jefferson e ‘pose’ com José Genoíno. Nesse aspecto do poema jornalístico, atentamos para o que diz Couto (2014) a respeito dos rizomas multidirecionais que a visão ecossistêmica da língua nos propõe:

Após as visões de língua como organismo e como vírus, respectivamente, surgiu a visão ecossistêmica de língua, segundo a qual ela é basicamente interação e suas representações devem ser do tipo redes ou rizomas multidirecionais e multilaterais. Enfim, esta última representação contém as demais em seu interior, é mais ampla do que elas. (Couto, 2014, p. 26).

É certo que o lugar da enunciação se divide, dessa forma, entre o jornalista e o leitor, que precisa reconhecer o contexto de produção. A valoração dessas expressões está ligada ao processo de interação intersubjetiva entre sujeitos, conforme expressa Bakhtin (2011):

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (Bakhtin, 2011, p. 294).

Para compreender o terceiro círculo da dança descrita na *Quadrilha* jornalística, o aspecto exoecológico da abordagem exige que o leitor saiba que José Dirceu, então ministro da Casa Civil do governo Lula, deixou o cargo após o acatar da denúncia pelo STF e voltou a assumir o mandato de deputado federal. Na ocasião, em entrevista, ele

FLP 23(1)

se referiu à mudança com a frase: “Eu sei lutar na planície e no Planalto” (*Folha de S. Paulo*, 2005). Estar no Planalto era fazer parte do governo; na planície, era estar fora do Executivo e cumprir o mandato legislativo. A referência também pode se desdobrar no aspecto semântico da intersubjetividade dos sujeitos escritor-leitor, considerando novos significados para o contraste existente entre ‘planalto’ e ‘planície’ num contexto de status político de Dirceu.

O dialogismo entre poema, jornalismo e factualidade continua quando a compra dita ilícita de uma fazenda pelo então tesoureiro do PT, Delúbio Soares, para seu pai surge como destino do personagem no poema-manchete: foi “para a fazenda” (*Correio Braziliense*, 2007). Significativamente, o verbo ‘ir’ pode também ganhar nova dobra semântica, visto que não necessariamente, o tesoureiro do PT refugiou-se na casa do pai.

No mesmo ‘vinco’ em que o jornalismo diz no silêncio de certas palavras, o poema afirma que “Valério mudou o penteado” (*Correio Braziliense*, 2007), fazendo uma referência ao fato de que o publicitário era careca e fez um implante de cabelo. Mas poderíamos questionar sobre que aspecto tal fato soaria relevante num esquema de corrupção? O não dito é irônico e aponta a vários caminhos semânticos a respeito do operador financeiro do ‘Mensalão’ que só viria a ser preso seis anos depois, condenado a mais de quarenta anos de prisão, por também se envolver em outros esquemas de corrupção. Esse silenciamento revelador está referenciado em Deleuze (1974, p. 334), para quem a fissura do silêncio “não reproduz o que transmite, não reproduz um ‘mesmo’: não reproduz nada, contentando-se em avançar em silêncio, em seguir as linhas de menor resistência, sempre obliquando, prestes a mudar de direção, variando sua tela, perpetuamente herdada do Outro”.

Do mesmo modo, vê-se, no aspecto exoecológico da linguagem literária, a conversação entre o poema jornalístico e a história de vida de José Genoíno, que “perdeu a pose” (*Correio Braziliense*, 2007). O termo ‘pose’ desdobra-se sobre a dialogia da enunciação capaz de revelar que, considerado herói que lutou na guerrilha do Araguaia, contra o regime ditatorial no Brasil, em 1970, Genoíno era uma figura reverenciada no meio político, até ser condenado por fazer parte da ‘quadrilha’ descrita pelo *Correio*. No entanto, a referência anterior ao fato de ele não ter ‘entregado ninguém’ remonta a questões como fidelidade, resistência e afins. Apenas a referência ao destino de Roberto Jefferson se construiu em linguagem denotativa. Ele teve o mandato cassado e ficou inelegível.

O círculo se fecha com o personagem “que não estava na história” (*Correio Braziliense*, 2007). A intertextualidade literal utilizada pelo jornalista nesse trecho da chamada de capa condensa a formação da ‘quadrilha’ com os principais personagens já citados e coloca o STF como o iniciador de um novo círculo da história. É um novo começo cujo protagonismo foge ao poder do comando da ‘quadrilha’. ‘Não estar na história’ é a marca da autoridade do STF, uma terceira voz narrativa de um reinício que o ‘dobrar’ do jornalismo literário permite à mente do leitor.

FLP 23(1)



Fonte: www.folhadosaofrancisco.com.br.

Figura 3 - Capa do jornal *Folha do São Francisco*, de 25 de fevereiro de 2013.

Utilizando trecho do poema *Versos Íntimos*, de Augusto dos Anjos, “A mão que afaga é a mesma que apedreja”, a manchete do jornal *Folha do São Francisco* ressalta o contraste semântico e linguístico que também se vê no jogo “amor e paixão” e “agressões e terror” posto na sub-manchete. Essa rede de interações orgânicas, conforme se aborda na Análise do Discurso Ecológica (ou Linguística Ecológica), concretiza-se na endoecologia da língua, de modo que a seleção poética acaba instigando a escrita jornalística, na busca por palavras que, juntas, referenciem a informação que se pretende passar na notícia. O verso é parte de um soneto que foi escrito em 1912, no livro *En*:

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!
(Anjos, 1994, p. 280).

A capa do jornal centraliza-se em matéria exclusiva, sob o intento de focalizar a gravidade do tema, que é a violência contra a mulher. Na sub-manchete, a explanação de parte do lead aponta a relatos de mulheres que sofreram agressões de seus parceiros.

O jornalismo, apropriando-se da poesia de Augusto dos Anjos, formata, sob ótica da endoecologia da linguagem, o destaque das duas palavras do verso que representam a ambiguidade dos relacionamentos relatados: ‘afaga’ e ‘apedreja’. A espécie de delação feita pelo poeta, na qual ele expõe o paradoxo da alma humana capaz de dar carinho e maltratar, serve ao jornalismo literário como uma ‘dobra’ que se estende a interpretações variadas na intersubjetividade dos leitores e, ao mesmo tempo, não eufemiza o ato brutal da violência contra a mulher. Simultaneamente, sob o aspecto exoecológico – sua relação com o contexto de produção –, ‘afagar’ pode representar a cilada emocional vivida por milhares de mulheres que sofrem agressão doméstica de seus companheiros e deles são dependentes. De acordo com *Instituto DataSenado*, que atualiza os dados a cada dois anos, 74% dos agressores são homens que têm ou tiveram relações afetivas com a vítima.

A construção semântica da palavra no ambiente externo da língua é fruto de uma conversação com a realidade capaz de atribuir infínitos significados a uma só palavra, como afirmam Bakhtin e Volochinov (2010, p. 109): “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis”. Ademais, o reconhecimento sêmico da palavra num dado contexto social, considerando suas várias formas de atuação, ajuda no processo de conscientização e análise crítica da realidade. Essa forma poetizada de produzir o jornalismo instiga o que vai além da apreensão informativa. Gera reflexão e permite ao leitor a interação como sujeito no lugar de quem fala. Reconhece que ‘afaga’ e ‘apedreja’ são termos que conectam a notícia aos ecossistemas mental, natural e social do indivíduo, conforme se vê na ADE:

As regras interacionais são pesquisadas inter-relacionando os elementos extralinguísticos, sendo muitos deles partes da AD, como práticas e interações sociais, existentes em uma interação discursiva com suas manifestações no discurso e sua presença, ou influência, nos ecossistemas (mental, natural e social) em que vivem os indivíduos e onde o discurso foi produzido. (Couto, 2015, p. 502).

FLP 23(1)



Fonte: <https://www.vercapas.com.br/edicoes/estado-de-minas.html>.

Figura 4 - Capa do *Estado de Minas*, de 26 de novembro de 2015.

O desastre ambiental em Mariana (MG) aconteceu no dia 5 de novembro de 2015. Com o rompimento da barragem de Fundão, da mineradora *Samarco*, comandada pela *Vale*, rejeitos atingiram milhares de pessoas, deixando dezenove mortos. Além disso, alcançaram o Rio Doce e seus afluentes, causando uma tragédia ambiental sem precedentes no Brasil.

Sob o impacto desse acontecimento e, também, da prisão do primeiro senador da República preso no exercício do mandato, Delcídio do Amaral (PT), o *Estado de Minas* uniu as duas pontas das notícias com o uso da palavra ‘sujeira’. A prisão do senador foi pedida pela Procuradoria-Geral da República e autorizada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) depois que, segundo a PGR, Delcídio do Amaral tentou obstruir a Justiça nas investigações sobre corrupção na Petrobras. Delcídio teria tentando impedir que o ex-presidente da estatal Nestor Cerveró fizesse declarações sobre a participação do senador em irregularidades na compra da refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos.

A metaforização parcial do termo ‘sujeira’ em sua relação com os contextos distintos é prevista na elaboração endoecológica e exoecológica da língua. Causa o desdobrar da conversação noticiosa, visto que outras vozes se unem à do jornalista: a do autor dos versos, Renato Russo, e a dos leitores, que lhe atribuiu significados na intersubjetividade interpretativa. A ‘sujeira’ da lama e a ‘sujeira’ da corrupção travam, entre si, uma relação semântica rizomática que nos faz refletir sobre o movimento social e ético que entrelaça os personagens dos dois fatos como corpos numa dança de movimentos não sistematizados. Deleuze e Guattari tratam dessa multidirecionalidade semântica que se produz no rizoma: “Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo e nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 15).

Após mais de vinte dias de ocorrida a tragédia em Mariana, a lama continuava avançando sobre o rio e, conseqüentemente, chegava ao mar, matando toneladas de peixes. No entanto, nenhuma providência eficaz havia sido tomada pela empresa responsável.

Diante do quadro, a manchete, cumprindo o papel jornalístico de informar, utiliza-se do verso da banda *Legião Urbana* “Ninguém respeita a Constituição”, para aludir à *Carta Magna*, em seu Art. 225 do Capítulo VI, que afirma:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Brasil, 1988).

Por outro lado, amplia a possibilidade, com o jornalismo literário, da análise interpretativa exoecológica, cujo ambiente popular da língua ressoa na termo ‘ninguém’. Essa ideia generalizadora do desrespeito às leis, ao país reflete uma espécie de indignação coletiva e, ao mesmo tempo, de uma cidadania deficiente em que, apesar de ‘ninguém’ respeitar a Constituição, “todos acreditam no futuro da nação”.

Esse paradoxo une diversas vozes numa enunciação cujo lugar de fala encontra-se revelado no verso-síntese da canção *Que país é esse?*. No entanto a responsividade expressa na fala parece divergir quanto ao sentimento de pertencer ao país criticado, refletindo uma espécie de ‘não tenho a ver com essa sujeira’.

A canção *Que país é esse?* foi composta no ano de 1978, durante a Ditadura Militar, pouco antes de ocorrer a Anistia, no processo de reabertura política. Porém só foi gravada em 1987, quando o Brasil já havia passado pelo processo de redemocratização, embora ainda sob eleições indiretas. O contexto nos pareceu apropriado à crítica exposta na letra, mas fica claro que a apropriação que o jornalismo fez da poesia comprova a dinamicidade da linguagem, seu aspecto rizomático na composição dos sentidos. Essa ‘dobra’ que o jornalismo literário produz na linguagem reforça o caráter indissociável que a poesia e prosa possuem também no reportar da notícia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita nesta pesquisa, na qual nos dispusemos a buscar respostas sobre o entrelaçamento da prosa com a poesia no fazer jornalístico, mostrou-nos que o uso da literatura no jornalismo não apenas acentua a força do noticiar, mas, sobretudo, amplia o leque de percepções e interpretações acionadas pela palavra poética, de forma rizomática, de acordo com o que afirmam Deleuze e Guattari (1995, p. 32): “O rizoma também é feito como linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza”.

Essa ‘dobra’ permite ao leitor o aprofundamento multidirecional no ambiente ecossistêmico linguístico no qual está inserido. Como a Análise do Discurso Ecológica mantém, em seu arcabouço teórico, o processo de produção dos discursos como uma de suas preferências, utilizamos a endoecologia da língua para chegarmos aos resultados ligados a tal aspecto na estruturação interna. A elaboração livre do dizer jornalístico em sua diversidade comunicativa nos levou a perceber que os gêneros discursivos também são renovados em sua prática, visto que as categorias jornalísticas avançam à abertura de possibilidades que podem e devem ser consideradas no fazer da notícia.

De igual modo relevante, os processos de interações comunicativas que culminam na produção dos discursos é e se fez, neste trabalho, alvo importante de análise. Por essa razão, a exoecologia, os sistemas externos de produção do texto, as influências situacionais – sociais, políticas, culturais, ambientais - que atuaram sobre a elaboração das capas jornalísticas nortearam os resultados encontrados a respeito da visão crítica não apenas dos autores/editores dos jornais, mas também dos leitores destes, visto considerarmos a perspectiva do público-alvo dessas produções.

Isso diz respeito ao campo da multimetodologia que citamos anteriormente, de modo que, atentando ao que afirmam Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7): “É recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno de produção dos discursos”. Assim, a ênfase dada sobre as categorias – endo e exoecológica - não se ocorreu, nesta pesquisa, de modo aleatório, visto que os dois mecanismos de análise se complementam, trazendo essa visão ampla da produção do discurso jornalístico.

Assim, acreditamos que considerar os movimentos internos (endoecológicos) e externos (exoecológicos) da língua se faz essencial na construção do dialogismo a que o novo jornalismo se propõe. Também, nesse aspecto, há uma consistente relação

FLP 23(1)

com a dobra deleuziana que, segundo Almeida (2011, p. 65), altera, modifica a dimensão de como se vê, representando a “passagem do espaço efetivo para o afetivo”.

Por conseguinte, foi possível, com esse movimento interno e externo da análise de produção dos discursos, pensar o dinamismo da linguagem, o caráter semântico rizomático, em que as mensagens veiculadas nas capas dos jornais se fizeram. As composições multidirecionais e multilaterais são, portanto, aspectos que interessam à linguística ecossistêmica, por abordar a não hierarquia dos sentidos, das formas de conhecimentos e das subjetividades constitutivas dos discursos.

REFERÊNCIAS

- Almeida LP. Dobras deleuzianas: desdobramentos de Lina Bo Bardi [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura; 2011.
- Alves VLS. Sob a tridimensionalidade da análise do discurso crítica: a leitura de mundo com base nos gêneros jornalísticos. III Encontro Nacional e II Encontro Internacional de Literatura e Linguística. Anais. 2015;III:2569-2579.
- Amodeo MT, Wannmacher V. Linguística e teoria da literatura: uma interface possível. Letras de Hoje. 2010;45(3):18-25.
- Andrade CD. Nova reunião. Rio de Janeiro: J. Olympio; 1985.
- Anjos A. Eu e outras poesias. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
- Aprofundando o olhar sobre o enfrentamento à violência contra as mulheres: pesquisa OMV - DataSenado. Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência; 2018. [citado 15 fev. 2021]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/menu/pesquisas/aprofundando-o-olhar-sobre-o-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>.
- Bakhtin M. Gêneros do discurso. In: Bakhtin M. Estética da criação verbal. Bezerra P, tradutor. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011[1953]. p. 261-306.
- Bakhtin M. Marxismo e filosofia da linguagem. Lahud M, Vieira YF, tradutores. São Paulo: Hucitec; 2003[1929].
- Bakhtin M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011[1953]. p. 279-326.
- Bakhtin M, Volochinov VN. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec; 2004[1929].
- Beltrão L. Jornalismo opinativo. Porto Alegre: Sulina; 1980.
- Brasil. Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Alexandre de Moraes, organizador. 16ª ed. São Paulo: Atlas; 2000.
- Capas premiadas do Correio Braziliense. [citado 15 fev. 2021]. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/04/interna_diversao_arte.615201/mostra-na-bienal-reune-70-capas-premiadas-do-correio-braziliense.shtml.
- Correio Braziliense. Caderno Opinião: 10-11. [citado 15 fev. 2021]. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br>.

FLP 23(1)

- Couto HH. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2015;23(2):485-509.
- Couto HH. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Taurus; 2007.
- Couto HH. Estudos gramaticais à luz da linguística ecossistêmica. *Scripta*. 2016 1ºsem.;20(38):26-53.
- Couto HH. Linguística Ecossistêmica. ECO REBEL-Ecolinguística: *Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*. 2015;1(1):47-81. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>.
- Couto HH, Couto EKN, Borges LAO. *Análise do Discurso Ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes; 2015.
- Couto EKN. Revisitando a Análise do Discurso Ecológica (ADE). *Via Litterae*. 2015 jan.-jun.;7(1):117-129.
- Couto EKN, Couto HH. Ecolinguística, linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica (ADE). *Signótica*. 2016 jul.-dez.;28(2):381-404.
- Couto EKN, Silva SS. Análise do Discurso Ecológica: ecolinguagem e ecocrítica. In: Couto HH, Couto EKN, Borges LAO, organizadores. *Análise do Discurso Ecológica*. Campinas: Pontes; 2014. p. 43-52.
- Deleuze G, Guattari F. Introdução: Rizoma. In: Deleuze G, Guattari F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Neto AG, tradutor. Rio de Janeiro: Ed. 34; 1995. (Vol. 1). p. 11-37.
- Deleuze G, Guattari F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2ª ed. Oliveira AL, Neto AG, Costa CP, tradutores. São Paulo: Editora 34; 2011. (Vol. 1).
- Edições Folha. Disponível em: <https://www.capasdafolha.com.br/edicoes/folha-do-sao-francisco.htm>.
- Estado de Minas. Edições anteriores. *Jornal Estado de Minas*. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicoes/estado-de-minas.html>.
- Farias A. *História do Ceará: dos índios à geração cambéba*. Fortaleza: Tropical Editora; 1997.
- Ferraz AP. A lexicalização de sintagmas na linguagem da publicidade. In: Isquierdo AN, Barros LA, organizadores. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS; 2010. (Vol. 5).
- Folha de S. Paulo. *Caderno Brasil*. [citado 15 fev. 2021] Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1706200504.htm>.
- Foucault M. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2007.
- Foucault M. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. In: Motta MB, organizador. *Rio de Janeiro: Florense*; 2000.
- Günther H, Elali GA, Pinheiro JQ. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. Brasília: Laboratório de psicologia ambiental, UnB; 2004. (Série Textos de Psicologia Ambiental; Vol. 23).
- Haugen E. *The Ecology of Language*. In: DIL AS, editor. *The Ecology of Language: essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press; 1972.

Maingueneau D. A propósito do ethos. In: Motta A, Salgado R, organizadores. Ethos discursivo. São Paulo: Contexto; 2004.

Marques JM. Jornalismo brasileiro. Porto Alegre: Sulina; 2003.

Os Sertões. In: Enciclopédia Itaú Cultural de arte e cultura brasileira. São Paulo: Itaú Cultural; 2021. [citado 17 fev. 2021]. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra25154/os-sertoos>.

Ramos R. Ecolinguística: um novo paradigma para a reflexão sobre o discurso? In: Oliveira F, Duarte IM, organizadores. Da língua e do discurso. Porto: Campo das Letras; 2004. p. 545-562.

Ringoot R, Utard JM. Le journalisme en invention: nouvelles pratiques, nouveaux acteurs. Rennes: Presses universitaires de Rennes; 2005.

Silva RN. A dobra deleuziana: políticas de subjetivação. Rio de Janeiro: UFF; 2004.

Sodré M. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Ed. Vozes; 2009.

Volochinov VN. A construção da enunciação. In: Geraldi JW, organizador. A construção da enunciação e outros ensaios. Geraldi JW, tradutor. São Carlos: Pedro & João Editores; 2013a. p. 157-188.

Volochinov VN. Palavra na vida e palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: Geraldi JW, organizador. A construção da enunciação e outros ensaios. Geraldi JW, tradutor. São Carlos: Pedro & João Editores; 2013b. p. 71-100.

Volochinov VN, Bakhtin MM. Discurso na vida e discurso na arte: sobre a poética sociológica. Faraco CA, Tezza C, tradutores. [local desconhecido]:[editora desconhecida]; 1976[1926].

FLP 23(1)